



**DOM QUIXOTE E JOÃO GRILO: UMA ANÁLISE DAS PERSONAGENS
PRINCIPAIS D'O AUTO DA COMPADECIDA E DE DOM QUIXOTE DE LA
MANCHA, SUAS AVENTURAS E DESVENTURAS**

KAREN JUSSARA OLIVIERA TENÓRIO¹

RESUMO: Este artigo tem por objetivo fazer um comparativo entre as personagens João Grilo, da peça *Auto da Compadecida* (1955), obra de Ariano Suassuna, analisando as histórias vividas por ele, e as armações e espertezas que usa para sobreviver; e da personagem do fidalgo Dom Quixote, do romance *O Engenhoso Cavaleiro Dom Quixote de La Mancha* (1605; 1615), obra de Miguel de Cervantes. Neste estudo, propomos estudos comparados entre as duas figuras.

PALAVRAS-CHAVE: Romance, teatro, Suassuna, Cervantes.

ABSTRACT: This article aims to make a comparison between the characters João Grilo of the play *Auto da Compadecida*, work of Ariano Suassuna analyzing the stories he lived, and the frames and shrewdness that he uses to survive; and the character of the gentleman Don Quixote of the novel *The Ingenious Knight Don Quixote of La Mancha*, of the work of Miguel de Cervantes. Here, we propose a comparative study about the two characters.

KEYWORDS: Romance, theatre, Suassuna, Cervantes.

INTRODUÇÃO

Este estudo pretende fazer análise comparada de personagens principais e suas dinâmicas em duas obras literárias distintas: *O Auto da compadecida* (1955), de Ariano Suassuna, e *Dom Quixote* (1605; 1615), de Miguel de Cervantes. Comprendemos que existem diferenças essenciais entre as duas obras: uma constitui

¹ Graduanda 3º semestre de Letras Espanhol – UFAL/FALE.

romance de cavalaria escrito no século XVII, influenciado pelos costumes e tradições europeias, mais precisamente da península ibérica, tornada um clássico mundial. A outra é peça teatral, escrita em 1927, no Brasil, mostrando com um toque de humor e ironia, um pouco da cultura popular brasileira, da força, esperteza e fé do povo nordestino.

A primeira nos traz Dom Quixote; a segunda, João Grilo. Entendemos que são personagens construídas em épocas e continentes diferentes, além de estarem compostas em gêneros literários distintos. Nem por isso, contudo, deixam de nos instigar e aguçar nossos sentidos e curiosidade, além de provocar uma reflexão sobre as mudanças do mundo e como os homens em sociedade encaram isso, apesar de terem costumes, culturas e tradições diferentes. Tais personagens provocam a reflexão sobre questões cotidianas, sejam elas de caráter moral, ético, social ou valores regionais e universais. Os autores fazem essa abordagem via literatura, usando o poder que ela tem para encantar e conquistar o leitor.

Suassuna mostra a realidade sofrida dos nordestinos de maneira criativa, com personagens divertidos, que buscam a sobrevivência. Já Cervantes, de forma irônica, faz uma sátira às antigas novelas de cavalaria, com seus heróis exemplares cheios de grandes feitos, de bravura em prol da verdade e honra, sempre em nome do amor a Deus, visando encontrar ou salvar amadas do perigo. Os autores nos dão informações sobre a história, origem e cultura das personagens, seus trabalhos, seus sonhos. Oferece-nos ideia de como era o cotidiano literário da época, oscilando entre o popular e o erudito, entre tradições regionais e universais, a partir da composição de cada personagem – como cada um sobrevivia física, moral e socialmente.

BREVE ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS QUE FORMAM AS PERSONALIDADES DAS PERSONAGENS ANALISADAS.

A personagem Dom Quixote, um nobre fidalgo medieval espanhol, de idade avançada, é apaixonado pelas novelas de cavalaria, a ponto de enlouquecer pelo excesso de leitura dessas. Sai em busca de aventuras com seu fiel escudeiro Sancho Pança, em nome da justiça e em busca de sua amada Dulcineia, enfrentando batalhas e seres existentes apenas no mundo ilusório criado pelo próprio fidalgo, através de sua loucura e ingenuidade, dentro do qual o protagonista vivencia situações, na maioria das vezes cômicas, e acaba sendo tratado como louco por todos.

Também conhecido como “Cavaleiro da Triste Figura”, a personagem de Cervantes rompe com o padrão de cavaleiro perfeito que se via nos romances de cavalaria até então, criando perspectivas e abrindo um amplo leque de possibilidades e discussões sobre ele dentro do gênero romance. Além disso, sua visão sobre as concepções com a passagem do mundo antigo para o mundo moderno, pelo qual até hoje sua obra é analisada e discutida, são um marco para a literatura. Essa visão ilusória e ao mesmo tempo realista do mundo fica clara para Auerbach, em seu livro *Mimesis* (2013) quando ele adverte:

Entre os muitos episódios que representam o embate entre a ilusão de Dom Quixote com a realidade quotidiana e oposta a ilusão, este ocupa uma posição especial. (...) porque se trata da própria Dulcinéia, a ideal e incomparável senhora do seu coração; é o auge da sua ilusão e da sua desilusão, (...) parece triste, amargo e quase trágico (AUERBACH, 2013, p. 303).

Em *Dom Quixote*, percebemos a capacidade da personagem de transformar sua realidade através de sua imaginação, criando um mundo de fantasia, seguindo os princípios e valores que aprendeu dos livros e novelas de cavalaria. Para Auerbach, o fidalgo cria seu mundo ilusório de acordo com seus desejos e mesmo passando por desventuras segue em sua meta de salvar Dulcinéia, mesmo que em determinado momento comece a perceber que sua meta é impossível de ser atingida, e é nesse instante que, segundo o crítico, a personagem tem o pressentimento de que isto nunca será conseguido (AUERBACH, 2013, p. 303). Nos capítulos finais, recobrando a sanidade, a personagem começa a se reconectar com a realidade, deixando o mundo de fantasia e se preparando para a hora de sua morte. Em contraposição, ocorre a troca de papéis entre Dom Quixote e Sancho Pança, o primeiro que antes trazia sua realidade para o mundo de fantasia e o segundo atuando como fiel escudeiro sempre ao lado de seu amo para evitar que fizesse mais loucuras, passando Sancho Pança a inventar uma cena que não era real, num momento em que Dom Quixote não consegue trazer a realidade pra dentro de seu mundo ilusório como aconteceu na cena em que encontram as três lavradoras no caminho. Lembremos que Auerbach cita um trecho do capítulo X da segunda parte de *Dom Quixote* de Cervantes:

– Eu não vejo, Sancho – disse D. Quixote, senão três lavradoras sobre três burrinhos.
– Então, livre-me Deus do diabo, respondeu Sancho; e é possível que três hacanéias, ou como se chamam, brancas como o floco da neve, pareçam a vossa mêrce burrinhos? Que caíam as barbas e se os olhos me enganam! (AUERBACH, 2013, p.301).

Na segunda parte de *Dom Quixote*, capítulo X, é possível perceber como a personagem é guiada para o mundo de ficção, após a interferência de Sancho, que ordena ao amo: “– Cale, senhor – disse Sancho –, não diga tal palavra, senão esperte esses olhos e venha fazer reverência à senhora dos seus pensamentos, que já chega perto” (CERVANTES, 2017, p. 143), aqui Dom Quixote ainda indaga-se sobre a realidade cotidiana e sua ilusão, mas Sancho, com muita desenvoltura, alcançada através das experiências vividas em companhia de seu amo (pois, ao não saber ler, todo conhecimento e cultura que possuía, tinha-a recebido através das histórias que lhe eram narradas e das duras jornadas por eles enfrentadas), dirige-se às “damas” como um verdadeiro conhecedor dos romances de cavalaria e como um fiel escudeiro ajoelha-se perante as lavradoras, agarra o arreio de um dos jumentos e professa as seguintes palavras:

– Rainha e princesa e duquesa de formosura, seja vossa altivez e grandeza servida de receber em sua graça e bom ânimo o cativo cavaleiro vosso, que aí está fito pedra mármore, todo turbado e sem pulso, por se ver ante a vossa magnífica presença (CERVANTES, 2017, p. 143).

Nesse momento, Dom Quixote, conforme escrito por Cervantes (1615), estava já de joelhos ao lado de Sancho e fora arrebatado da realidade cotidiana, transportando-se para o seu mundo “real”, onde retoma seu papel como herói, com o objetivo de salvar sua amada Dulcineia e livrá-la do encantamento. Porém, percebe-se como houve momentos na obra em que o fidalgo não foi capaz de levar sua realidade ficcional para o mundo “real”, tendo a necessidade de ser “guiado” por seu escudeiro Sancho, que o ajuda a se transportar novamente para a fantasia, conforme esclarece Auerbach. O crítico também demonstra como, no episódio das lavradoras, há uma inversão de papéis entre as personagens que, antes de tudo, buscam realidades mais interessantes que a ordinária:

...os papéis estão trocados: até ali era Dom Quixote que compreendia espontaneamente e transformava as aparições da vida cotidiana com que se deparava, segundo o sentido dos romances de cavalaria, enquanto Sancho em geral duvidava ou retorquia ou tentava evitar as absurdas ações do seu amo... (AUERBACH, 2013, p.303).

Dom Quixote, o personagem, não é apenas um fidalgo cuja loucura leva-o a agir hora como um “velho engraçado” ou um “soldado fanfarrão”, mas, apesar dela, conserva sua “dignidade e superioridade naturais” e uma “bondade e sabedoria” que

ninguém é capaz de vê-lo de outra maneira senão como um homem puro e nobre. (AUERBACH, 2013, p.310).

Já em *O Auto da Compadecida*, o escritor Ariano Suassuna utilizou folhetos de cordel e fez as adaptações essenciais para finalizar sua obra, que se tornou um referencial para peças de teatro. Para concluir sua peça, também pesquisou sobre aspectos das narrativas muito comuns na comédia medieval e no renascimento, além da comédia popular, mas tendo o cuidado de ser fiel à tradição local, uma vez que suas obras são construídas com ajuda indireta do povo, entre eles pessoas como a personagem principal, João Grilo: homem comum nordestino, que vivia com a esperança de um dia se livrar da pobreza por meio de sua astúcia e inteligência na criação de histórias mirabolantes. Fica clara a habilidade de criar do escritor, que vai além do fato de dar vida a personagens populares, fazendo emergir a essência do brasileiro nordestino, sua cultura, tradições, aventuras e desventuras.

Em ambas as obras vemos como as personagens estão em meios sociais opostos: Dom Quixote, um fidalgo, cuja vida sempre foi cheia de mordomias e que nunca precisou trabalhar para sobreviver, diferentemente do que ocorre com João Grilo, que desde cedo precisou amadurecer com demasiada rapidez, e lutar pela sobrevivência.

Mattos, em *O Riso e a Dor No Auto da Compadecida* fala dessa personagem na obra de Suassuna dizendo que:

...uma visão alternada da desgraça e felicidade, de derrota e de vitória do homem, numa estranha atmosfera em que se misturam o profano e o sagrado, o trágico e a fantasia o rigor e a compaixão celestes. [...] um Grilo que tem humor, subversão... (MATTOS, 2004, p.125).

Geraldo Mattos expõe os contrastes entre as personagens que possuem características marcantes e opostas, como por exemplo, no caso do fazendeiro Antônio Moraes, rico, poderoso, e figura de destaque na cidade de Taperoá e região, ao contrário de João Grilo, que é pobre, sobrevive de forma miserável, conhecido por ser considerado desonesto e sem moral, além de receber o desprezo por sua condição social.

Mattos, em sua análise, destaca como essas oposições estão estruturadas em *O Auto da Compadecida* com um toque de humor diante da dor, ou seja, o bife na manteiga para o cachorro e a fome e sede de João Grilo; por exemplo, também o uso de expressões populares e vulgares em contraposição a palavras eruditas e pouco usuais. Ainda, destaca que graças a estes aspectos a que se opõem, Suassuna idealizou sua peça. Esta, através do teatro armorial, retrata a dor e o riso, a grandeza e a miséria, entre outras oposições, além da carnavalização, trazida para o Brasil pelos europeus,

misturando sua cultura com a brasileira, mostrando o contraste entre o homem selvagem e o civilizado, o rico e o pobre, o feio e o bonito e rompendo com as estruturas clássicas maniqueístas.

Nas manifestações como o carnaval, as tradições são rompidas – ensina-nos Mikhail Bakhtin. Ariano Suassuna faz isso em sua obra, mostrando a miséria e a dor vivida por João Grilo e de outras personagens como Severino, com humor, sarcasmo e um pouco de ironia evidenciando as características físicas, culturais, sociais e econômicas da cultura popular do sertanejo, como lemos a seguir:

Mais pobre do que Vossa Senhoria é Severino de Aracaju, que não tem ninguém por ele, a não ser seu velho e pobre papo amarelo. Mas mesmo assim eu quero ajudá-lo, porque Vossa Senhoria é meu amigo. [Tirando o dinheiro] Três contos! Estou quase pensando em deixar o cangaço. Eu deixava vocês viverem, o bispo demitia o sacristão e me nomeava no lugar dele (SUASSUNA, 1999, p. 92)

A carnavalização presente na obra de Ariano Suassuna remete à cultura popular do Nordeste, mas na forma explicada por Bakhtin em sua obra: *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (1987), relacionando-a com a cultura popular medieval. Na *Compadecida*, o autor parece buscar uma forma de criticar as desigualdades sociais e o falso conservadorismo religioso, em vez de simplesmente destacar as manifestações populares. No trecho acima do *Auto*, vemos como o personagem Severino (o cangaceiro), que representa o Cangaço, mostra a contradição entre o fato da Igreja arrecadar dinheiro para si, em vez de utilizá-lo em prol dos menos favorecidos. Também mostra como, movido pela repressão do mais forte sobre o mais fraco, e pela violência, acabou marginalizado, tendo de sobreviver como cangaceiro.

O escritor, de forma caricata, traz personagens que retratam a dura realidade do povo nordestino, a vida de exploração, e o descaso das autoridades políticas e religiosas, que buscam o próprio enriquecimento, enquanto milhares morrem de fome. Porém, o autor não apresenta na obra, ou dá as personagens, quaisquer indícios de que essas contradições sociais ou culturais vão acabar ou diminuir futuramente, não trata de dar esperança de mudança na condição em que vivem os nordestinos, na qual estão inseridas, ou mesmo se poderia ocorrer algum fato que pudesse atenuar estas duras condições.

Em outro trecho, vemos como o Encouraçado aparece em cena de forma grotesca conforme descreve o narrador: “...soam ritmadamente duas pancadas, fortes e secas, de tambor e uma de prato, com uma pausa mais ou menos longa entre elas, ruído

que deve se repetir até a aparição do Encourado” (SUASSUNA, 2005, p. 119). E como este assume o papel de acusador dos mortos ali presentes, chegando a caçoar da tremedeira destes, quando diz ao dirigir-se ao demônio:

Cale-se, já disse! Que me importa o que você faz ou sente? O que me desgosta é ver minha imagem refletida em você uma imagem profundamente repugnante. Mas vamos aos fatos. Que vergonha! Todos tremendo! Tão corajosos antes, tão covardes agora! O senhor bispo, tão cheio de dignidade, o padre, o valente Severino... E você, o Grilo que enganava todo o mundo, tremendo como qualquer safado! (SUASSUNA, 2005, p. 120).

Neste ato da peça tem início um dos momentos clímax da obra de Ariano Suassuna, quando as personagens começam a ser “julgadas” e percebemos como a posição de acusação, que visa a condenação dos mortos pelos erros cometidos em vida. A partir daqui os atos seguintes mostram como os elementos do grotesco no carnaval rompem com as formas clássicas e traz o que Bakhtin (1987) chama de realismo grotesco.

DOM QUIXOTE E JOÃO GRILO: A LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA E A BUSCA POR AVENTURAS

Para começar, nos deparamos com a atmosfera das obras em que as personagens se apresentam. Primeiramente João Grilo, do *Auto da Compadecida* de Suassuna, vive no sertão nordestino na cidade de Taperoá-PB, onde se desenrola a peça teatral escrita por ele, para a qual faz uso da temática circense e através de narrativas populares, principalmente tiradas do Cordel. Conseguiu resgatar personagens criados e recriá-los, mostrando suas trajetórias e, ao mesmo tempo, denunciando o meio em que são obrigadas a viver, por conta de problemas sociais, decorrentes das péssimas políticas que acarretam a desigualdade e a perda de valores morais e sociais daqueles que têm de sobreviver apesar da fome, da pobreza, e principalmente da seca que os castiga sem trégua. João Grilo é esse típico nordestino que precisa ter astúcia para enfrentar as adversidades da vida, em busca de um pedaço de pão e da generosidade do próximo, aspecto não visto na obra. Narra o fato para Chicó com rancor:

... Muito pelo contrário, ainda hei de me vingar do que ele e a mulher me fizeram quando estive doente. Três dias passei em cima de uma cama para morrer e nem um copo d'água me mandaram... (SUASSUNA, 1999, p. 25)

No trecho acima, temos o personagem de João Grilo referindo-se aos seus patrões, o padeiro e sua esposa, como maus pagadores e pessoas mesquinhas, apesar da riqueza que detinham. O personagem conta com rancor sobre o período em que trabalhou para eles na padaria, e a forma como foi abandonado por estes quando ficou doente. Para vingar-se, decide enganar os patrões, com ajuda de Chicó, e sabendo da avareza da patroa, que está sensibilizada pela morte de seu cão, oferece-lhe um gato: “...eu arranjei um gato que é uma beleza para a senhora.” “... o gato que eu lhe trouxe descome dinheiro” (SUASSUNA, 1999, p. 76-77)

Assim como João Grilo, Chicó também possui características adversas a um herói tradicional, na concepção canônica de literatura, pois suas ações estavam voltadas para sua sobrevivência, acima de tudo, e, por isso, através de mentiras e ações, passava a imagem de uma pessoa desonesta e mentirosa, mas ao mesmo tempo não abandonava sua amizade com João Grilo, tampouco as convicções morais e religiosas que conseguiu absorver durante sua vida.

Retomando a figura de João Grilo, nosso personagem central nesta análise, observe-se trecho do “catolicismo carnavalizado” (BAKHTIN, 1987, p. 50) em que João Grilo responde ao cangaceiro Severino:

Ah isso é comigo. Vou fazer um chamado especial, em verso. Garanto que ela vem, querem ver? (Recitando) Valha-me Nossa Senhora, Mãe de Deus de Nazaré! A vaca mansa dá leite, A braba dá quando quer. A mansa dá sossegada, a braba levanta o pé. Já fui barco, já fui navio, mas hoje sou escaler. Já fui menino, já fui homem, Só me falta ser mulher. (SUASSUNA, 1999, p. 169-170).

Era um anti-herói de caráter duvidoso, mentiroso, mas com uma inteligência e criatividade que surpreendia; características que não se percebiam por sua aparência desnutrida e maltrapilha, não possuía a forma física típica dos heróis, mas uma esperteza que ultrapassava essa deficiência e se transformava em sua única arma para sobreviver. João Grilo demonstrava isso, buscando formas inacreditáveis para superar situações difíceis, inclusive na hora do julgamento quando enfrenta o Encouraçado e diz: “Ah e você pensa que eu me entreguei? Pode ser que eu vá, mas não é assim não!” (SUASSUNA, 1999, p. 164).

João Grilo não perdeu as esperanças e continuou lutando, demonstrando coragem e persistência até depois da morte, através de sua fé e pela intercessão de Nossa Senhora, o que é um elemento marcante da fé católica presente na peça. O autor lança na obra o diálogo pós-morte entre as personagens, que interagem no além-vida, durante a parte final da peça.

Retomando o herói do século XVII, temos a personagem Dom Quixote, num romance contrário às novelas de cavalaria, que eram compostas basicamente por heróis perfeitos, com grandes façanhas e que sempre salvam as donzelas no final das aventuras, tudo seguindo os preceitos de justiça, honra a Deus, numa sociedade conservadora que segue os dogmas da igreja com valores morais baseados na fé cristã. Cervantes cria sua personagem a partir de vivências e viagens pelo continente europeu, em especial pelas regiões espanholas de La Mancha, Aragão e Castela.

Sendo um romance do século XVII, *Dom Quixote* é uma paródia bem-humorada do típico romance de cavalaria. O ingênuo fidalgo se faz cavaleiro medieval e dá início à sua peregrinação pelo mundo criado por ele e, ao lado de seu fiel escudeiro Sancho Pança, começa a viver suas aventuras e desventuras em nome da justiça e à procura de sua amada. Porém, ao mesmo tempo em que percebemos a loucura do personagem Dom Quixote, destacam-se seus momentos de lucidez:

– Eu não vejo Sancho – disse D. Quixote –, senão três lavradoras sobre três burrinhos. – Deus do diabo! – respondeu Sancho. – Será possível que três hacaneias, ou lá como se chamam, brancas como flocos de neve, pareçam a vossa mercê burrinhos? (CERVANTES, 2017, p. 143).

Apesar da “loucura” da personagem D. Quixote, o romance narra histórias realistas, principalmente por seu escudeiro Sancho que, mesmo fazendo parte das confusões de D. Quixote, não foge da realidade como a personagem principal e, muitas vezes, diverte-se à custa de seu amo. Durante suas viagens, D. Quixote enfrenta monstros e batalhas dignas dos guerreiros medievais, mesmo que só ele os veja, como ocorre quando enfrenta os gigantes, que, na realidade, nada mais são que moinhos de vento. Sua jornada cheia de peripécias acaba quando pressente que sua hora se aproxima, só aí percebe que no mundo real não existem heróis como nos romances.

Assim, em seus últimos instantes, Quixote faz um último pedido:

– As que até aqui passei – replicou D. Quixote –, que foram verdadeiras em meu dano, há de torná-las minha morte, com a ajuda do céu, em meu proveito. Eu, senhores, sinto que vou morrendo a toda pressa: deixem as burlas de parte e tragam-me um confessor que me confesse e um escrivão que faça meu testamento, pois em tais transe como este o homem não se há de burlar da alma; e assim suplico que, enquanto o senhor padre me confessa, vão chamar o escrivão. (CERVANTES, 2017, p. 841-842).

Deste modo, percebemos que existem diferenças e características comuns nas duas personagens citadas neste trabalho. Por seu lado aventureiro, por sua inteligência e imaginação, aproximam-se, apesar de que enquanto um enfrenta a

realidade, o outro cria seu próprio mundo imaginário, mas ainda assim dentro da vida comum. Ambos mostram características e percepções de mundo tão diferentes e iguais ao mesmo tempo: sofrem passando por duras provas para sobreviver em mundos repletos de desigualdades e injustiças, onde valores morais e sociais perdem sentido quando o que está em jogo é a sobrevivência, a justiça e a fé.

Para Juciane Cavalheiro, a razão e a loucura têm importância para o desenvolvimento da personagem Dom Quixote e por isso destaca que: “sempre oscilantes entre o mundo de densa e rica fantasia do cavaleiro da triste figura, e o risível de sua condição humana à luz da aceção do que se convencionou ser normal ou real”. (CAVALHEIRO, 2014, p. 09).

No clássico de Cervantes, através do texto de Juciane Cavalheiro, observamos que a razão e a loucura da personagem Dom Quixote foram importantes para a ação presente no romance e como o tema da loucura foi desenvolvido criando um mundo ilusório e cheio de fantasia. Dom Quixote, durante suas viagens em busca de aventuras ao lado de Sancho, opõe-se ao mundo real, no qual a personagem, em condição de ser humano, tinha de conviver com costumes e regras cuja realidade convencionava serem normais. Assim, o diferencial da obra de Cervantes, para a autora, não reside na loucura em si da personagem, mas como através desta, a personagem cresce e vai além do que se conhecia sobre o romance de cavalaria, fazendo da obra de Cervantes uma obra mais valiosa que outras de temática igual, cheia de aventuras e fugindo do típico romance de cavalaria predominante e presente na literatura da época.

Segundo Cavalheiro, durante a Idade Média, a loucura era associada ao mal, ao demoníaco, e esse tema já era tratado por escritores como Erasmo de Rotterdam em *O Elogio da Loucura* (1511), obra que retrata um mundo que tem como protagonista a loucura. Através do humor e uso bem perspicaz da sátira, ridiculariza os poderosos da época, sem importar se eram reis, príncipes, cardeais, bispos, fidalgos etc. Assim, a loucura era caracterizada por Erasmo como:

... o centro, a origem, e a fonte universal de todo o acontecimento existente ou que venha a acontecer e a utiliza sarcasticamente e de forma tolerável, como uma ferramenta para combater as fortes ideologias vigentes em uma sociedade em transformação (CAVALHEIRO, 2014, p. 90-91).

Para Erasmo de Rotterdam, não se tratava apenas de abordar a loucura como foco principal, mas em fazer uma crítica aos dogmas religiosos e ao sistema feudal que em nome de Deus controlava de forma absoluta a vida das pessoas. As normas da igreja e a vontade do rei, que tinha a benção divina, eram impostas e

influenciavam diretamente nos costumes e na cultura do povo que era submetido a elas. E para aqueles que não estivessem de acordo com os interesses “puritanos” e divinos da igreja e dos poderosos, os aguardavam castigos severos e desumanos antes de serem condenados à morte, além de sofrerem publicamente críticas sob o pretexto de que eram loucos, ateus ou possuídos por demônios, ou eram considerados traidores ou blasfemadores pela igreja.

A cultura popular até então não tinha suas características e manifestações folclóricas difundidas nos gêneros literários elevados, mas através das obras de autores como Rabelais, entre outros, considerados gênios na arte literária, o popular em suas formas originais e com suas manifestações cômicas e satíricas puderam ocupar um lugar de destaque na vida das pessoas, no seu cotidiano de leitores.

Mikhail Bakhtin cita a obra de Rotterdam e sua importância para o desenvolvimento do gênero literário cômico durante a Idade Média. Bakhtin diz que: “A literatura cômica latina chegou à sua apoteose durante o apogeu do Renascimento, com o Elogio da Loucura de Erasmo...” (BAKHTIN, 1987, p.13). Diferentemente de Erasmo, que através de seus textos fazia uma crítica às ideologias que predominavam naquela época, ou de Rabelais que se recusou a seguir normas e regras convencionadas na arte literária, que era regida por um modelo dogmático e conservador com princípios aristocráticos, em Cervantes observamos certo conservadorismo, que foi recusado pelos já mencionados autores e apenas observado por Cervantes, conforme explica Bakhtin: “Rabelais recusou esses moldes muito mais categoricamente do que Shakespeare ou Cervantes, os quais se limitaram a evitar os Cânones clássicos mais ou menos estreitos de sua época”. (BAKHTIN, 1987, p. 02).

O autor de *Dom Quixote* se mantém afastado desse movimento pela liberdade literária e cultural presente nos textos de Rabelais, que buscava mostrar o popular de forma ampla, sem limitações com toda sua diversidade e comicidade, através de suas características originais, abordando desde o folclórico passando pelo histórico, pelo cômico e grotesco entre outros temas abordados, diferentemente de autores clássicos como Shakespeare e do próprio Cervantes que ainda estavam presos a esse modelo de arte literária fundamentado nos moldes medievais do século XVI, destacados por Bakhtin em sua seguinte fala: “O mundo infinito das formas e manifestações do riso opunha-se à cultura oficial, ao tom sério, religioso e feudal da época” (BAKHTIN, 1987, p. 03).

Apesar disso, é possível perceber a influência de Rabelais em Cervantes, através das características que envolvem a personagem Dom Quixote, tais como: sua

fuga para um mundo paralelo e ilusório; a aproximação da personagem Dom Quixote, um fidalgo, letrado que segue os princípios da cavalaria e os dogmas religiosos, uma figura magra e com porte próprio de um cavaleiro com o seu fiel escudeiro Sancho, inferior socialmente, sem estudos, ambicioso, de caráter duvidoso e de aparência suja e descuidada, que detém uma barriga proeminente e que segue seu amo em busca de aventuras motivado pelos benefícios prometidos pelo amo.

Aqui, temos a eliminação da barreira social existente entre ambos, que muda sua relação hierárquica e traz, através do personagem Sancho, um tom cômico ao romance. Também percebemos a marca de Rabelais no texto cervantino através da presença de monstros e gigantes que eram encontrados no mundo imaginário de *Dom Quixote*. O que é evidenciado por Bakhtin:

Numerosas degradações da ideologia e do cerimonial cavaleiresco que aparecem no Dom Quixote, são inspiradas pela tradição do realismo grotesco. No realismo grotesco. A degradação do sublime não tem um caráter formal ou relativo. O “alto” e o “baixo” possuem aí um sentido absoluto e rigorosamente topográfico. (BAKHTIN, 1987, p. 18).

A importância e a amplitude de Rabelais durante a Idade Média e no Renascimento, segundo Bakhtin, explica-se pelo desenvolvimento da cultura popular, presente em diversas obras do autor, que contribuiu para a divulgação do realismo cômico e grotesco, influenciando textos literários de autores de diversos países, como Cervantes.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, nossa contribuição para futuras pesquisas acerca desta temática, está evidenciada nas singularidades entre as personagens João Grilo e Dom Quixote e como a literatura popular, a partir da Espanha e de Portugal, que veio para o Brasil através dos primeiros colonizadores, foi se incorporando aos nossos costumes e tradições, criando um misto de culturas que são mostradas no teatro de Ariano Suassuna, e em muitas de suas obras, quem marcam uma nova concepção de teatro no Brasil.

Produções como *O Auto da Compadecida* e *Dom Quixote*, com características próprias e modernas para suas respectivas épocas, são, em alguns aspectos, comparáveis, pois: em D. Quixote, temos um personagem medieval e cristão, que em *Auto da Compadecida*, através do personagem João Grilo, recebe uma nova roupagem. Vindo direto do universo nordestino, dando um novo significado ao ato de

escrever, abrindo um mundo novo, com conhecimentos a serem explorados e difundidos no universo literário, contribuindo para o desenvolvimento da produção textual e da cultura carnalizada. A partir de outras culturas, costumes e tradições diferentes, é possível criar obras que podem ser incorporadas umas às outras, ou utilizar certas características e aspectos que vão enriquecer o literário e a cultura popular, construindo algo novo e extraordinário.

Acreditamos que João Grilo e Dom Quixote são figuras importantes para promover o riso e a diversão, mas também a dor e o sofrimento pela vida instável e cheia de adversidades que enfrentam com coragem e criatividade, encontrando força e motivos para viver e sorrir através de suas crenças em busca da verdadeira felicidade. Podemos concluir, a partir do contexto apresentado, e considerando os personagens destacadas nesse trabalho, João Grilo e Dom Quixote, que o primeiro é vítima de um sistema opressor, e das dificuldades como a seca, a fome, a opressão e humilhações sofridas dentro da referida história; e o segundo, um fidalgo ingênuo e sonhador que enlouquece de tanto ler sobre cavaleiros e por não encontrar nas histórias que lia o verdadeiro cavaleiro andante com as características reais, segundo sua imaginação, tendo ele mesmo de incorporar este cavaleiro em nome da justiça, por sua amada Dulcineia.

São sujeitos que podem ser classificados como “heróis”, não pela aparência apresentada, mas pela coragem, perseverança e criatividade demonstrada diante das situações vivenciadas, já que não desanimam ou se desesperam, pelo contrário, buscam incansavelmente os meios para sobreviver. Ao mesmo tempo, mostram as fragilidades da alma humana, através de suas necessidades, seus medos, das adversidades e das influências que sofre durante suas vivências, sejam elas boas ou más.

REFERÊNCIAS

AUERBACH, Erich. A Dulcinéia Encantada. AUERBACH. E. **Mimesis**. São Paulo: Perspectiva, 1987, p. 299-320.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1987.

CERVANTES, Miguel de. **Don Quijote de La Mancha**. São Paulo- Editorial W. M. Jacson inc., 1964. 1º vol.

CERVANTES, Miguel de. **O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de La Mancha**. 7ª ed. São Paulo: Ed.34, 2016. Vol. 1

CERVANTES, Miguel de. **O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de La Mancha**. 4ª ed. São Paulo: Ed.34, 2017. Vol. 2

CAVALHEIRO, Juciane. **Leituras de Cervantes e Releituras do Quixote**. Rio de Janeiro. Ed. Oficina Raquel – 2014.

MATTOS, Geraldo da Costa. **O riso e a dor no auto da compadecida**. Vitória, ES: EDUFES, 2004.

SUASSUNA, Ariano. **Auto da Compadecida**. 35ª ed., Rio de Janeiro, Ed. Agir, 2005.

SUASSUNA, Ariano. **Auto da Compadecida**, 34ª ed., Rio de Janeiro, Ed. Agir, 1999.